

RELATOS DE UM AMOR PÓS-MODERNO

Por Karolline Vicente da Silva

REFLEXÕES PESSOAIS SOBRE A SOCIEDADE PÓS-MODERNA COM BASE NO SOCIÓLOGO ZYGMUNT BAUMAN

Um romance que nasce na internet não conta com muita credibilidade na sociedade, ainda mais quando é oriundo de um aplicativo de relacionamento. Apesar disso, muitos casais se formam nessas condições, na esperança de criar uma conexão pouco supérflua. Mas, quando surpreendidos pela liquidez, sentem-se inerentes ao choque, pois, inconscientemente, também duvidavam da relação. Em razão desse “pré-julgamento”, os indivíduos “ficam”, sem que haja real interesse no interior um do outro. Este é um ciclo que se alimenta não apenas do desinteresse, mas também da carência afetiva e do medo. Freud explica.

Os laços da sociedade moderna se dão em rede, não mais em comunidade: os relacionamentos passam a ser “conexões” que podem ser feitas, desfeitas e refeitas conforme os interesses do indivíduo. Este novo meio para formar vínculos e estabelecer contatos não proporciona diálogos reais, dada a facilidade da seleção de círculos de pessoas com pensamentos semelhantes, evitando controvérsias, desconfortos e inseguranças.

Meu primeiro amor nasceu assim, entre os líquidos da internet. Ainda adolescente, uma das minhas primeiras “conexões” foi realizada dentro de um aplicativo de relacionamento. Nele, expus somente o que eu cogitava ser o melhor em mim e selecionei as características que o outro indivíduo, por trás da tela do celular, julgava melhores nele. Um *match* informou que nossos interesses eram parecidos e, a partir de então, passamos a conversar.

Diálogos supérfluos seguiram por algumas semanas, sempre analíticos para não mencionar algo que não fosse necessário. Este era o primeiro estágio do H2O: a liquidez. Esse estágio permaneceu constante no primeiro ano de amizade, até o ponto em que ambos

cogitaram sair do ambiente virtual para tentar algo sólido. No entanto, é válido ressaltar que um líquido sofre constante mudança e não conserva sua forma por muito tempo. Mas isso não quer dizer que aquela água cristalina viesse a transformar-se em um cubo de gelo.

A rede é mantida viva por duas atividades: conexão e desconexão. Sendo assim, o contato no meio virtual pode ser desfeito ao primeiro sinal de descontentamento, e foi exatamente isso o que ocorreu comigo. O bloqueio do sentimento se deu em conjunto com a exclusão do número do WhatsApp e o *unfollow* no Instagram. As pessoas, ao mesmo tempo que buscam o afeto e o companheirismo, têm medo de desenvolver relacionamentos mais profundos, que as façam ficar dependentes, expostas e, conseqüentemente, inseguras em relação à entrega, deixando-as imóveis em um universo em constante movimento.

Mas, em meu caso particular, em razão do permanente movimento das águas, repeti os movimentos de vai-e-vem duas vezes mais. Sempre através da internet, as tentativas de mergulhar a fundo em águas desconhecidas eram um desafio envolvente. Apesar de meu emocional ter sido entregue completamente àquela pessoa, cuja amizade aos poucos se escorria virtualmente, havia em mim o pensamento de que aquilo não daria em nada.

Cinco anos se passaram e o sentimento que, antes, parecia ser líquido como uma Coca-Cola, me corroendo aos poucos, foi se mostrando mais como uma gelatina. De fato, é sabido que a sociedade moderna não nutre os ideais de seus ancestrais, alimentando-se do “hoje”, do presente e dos desejos mais capitalistas possíveis. Entretanto, ao me enxergar líquida, senti em mim um sentimento cada vez mais sólido, como os de minha mãe. Ela, que cresceu no nordeste brasileiro, casou-se aos dezesseis anos e enfren-

tou toda a ondulação desta sociedade para estruturar cotidianamente a solidez do casamento, que comemora suas bodas de pérola em breve.

Este é um bom símbolo para o aniversário de três décadas de matrimônio – mas, ainda melhor, para confirmar a dificuldade de completar 10.950 dias ao lado de uma única pessoa. As pérolas são joias formadas dentro das ostras. Quando alguma substância estranha invade o molusco, produzindo uma inflamação em seu interior, esta envolve o corpo invasor com diversas camadas de uma substância dura e rica em calcário chamada madrepérola e, como resultado desse mecanismo de defesa, surgem as pérolas. Consegue imaginar uma joia dessas sendo nutrida sem a tolerância? Exatamente por isto os relacionamentos atuais são considerados apenas pedras de gelo: mantidos fora da temperatura correta, em algum momento poderão derreter.

Quando o primeiro encontro com meu “príncipe virtual” realmente foi realizado, quase como nos contos de fadas, o meu sorriso era mais do que uma imagem instagramatizada, os olhos brilhantes dele eram mais do que um efeito no Photoshop e o primeiro beijo foi mais do que um *match* no Tinder. Foi necessário menos de um mês para que uma novidade apagasse a luz daqueles olhos. A liberdade e a segurança não se mantêm em equilíbrio e, entre nós dois, cada um segurava uma ponta da corda. A sensação de liberdade custa a segurança, e eu, cedendo à minha, deixei-o livre e à mercê das vitrines e suas mercadorias. Na medida em que o futuro se torna incerto, o sentimento dominante é a obrigação de viver o momento presente intensamente e exclusivamente para si. Assim, o egoísmo cria novas conexões e as desfaz na mesma ilusão.

Desentendimentos são justificativas para rompimentos e, enquanto minha irmã mais velha me ensinava sobre a tolerância em um relacionamento amoroso – aprendida com os mais velhos e sendo propagada de geração em geração, como uma joia preciosa (que era) –, eu ouvia dele que “não estava bom” e que “não era isso que ele queria no momento”. Mesmo em meio ao caos, meu sentimento líquido, idêntico à Coca-Cola, se endureceu um pouco mais, tornando-se uma bola de sorvete. E em meio às lágrimas, por ser descartada e bloqueada, aguardei o momento em que esse sorvete viesse a derreter. Mas não ocorreu. Por isso, uma nova questão foi levantada em minha mente: como é possível viver em meio ao sólido e à liquidez? Isso porque, em meu ser, me observo líquida em algumas áreas da vida, mas, mesmo “pós-moderna”, do alto de meus quase 21 anos, não me desmancho quanto a este sentimento, que já dura seis anos.

Acredito quando o sociólogo cita quanto somos incertos em relação ao futuro em sociedade – os indivíduos “pós-modernos” tem inocentemente fixado suas esperanças e expectativas no presente, esquecendo, ou negligenciando, a solidez do matrimônio. Essa substituição pelo instantâneo, felizmente, não cabe mais a mim, pois em meu interior, entre tantas águas líquidas, marés tortuosas e enchentes, há um *iceberg* chamado Ágape. Este, certamente, Zygmunt Bauman não iria conseguir “liquidar”.

Karolline Vicente da Silva é aluna do curso de Graduação em Jornalismo da Faculdade PAULUS de Comunicação – FAPCOM.

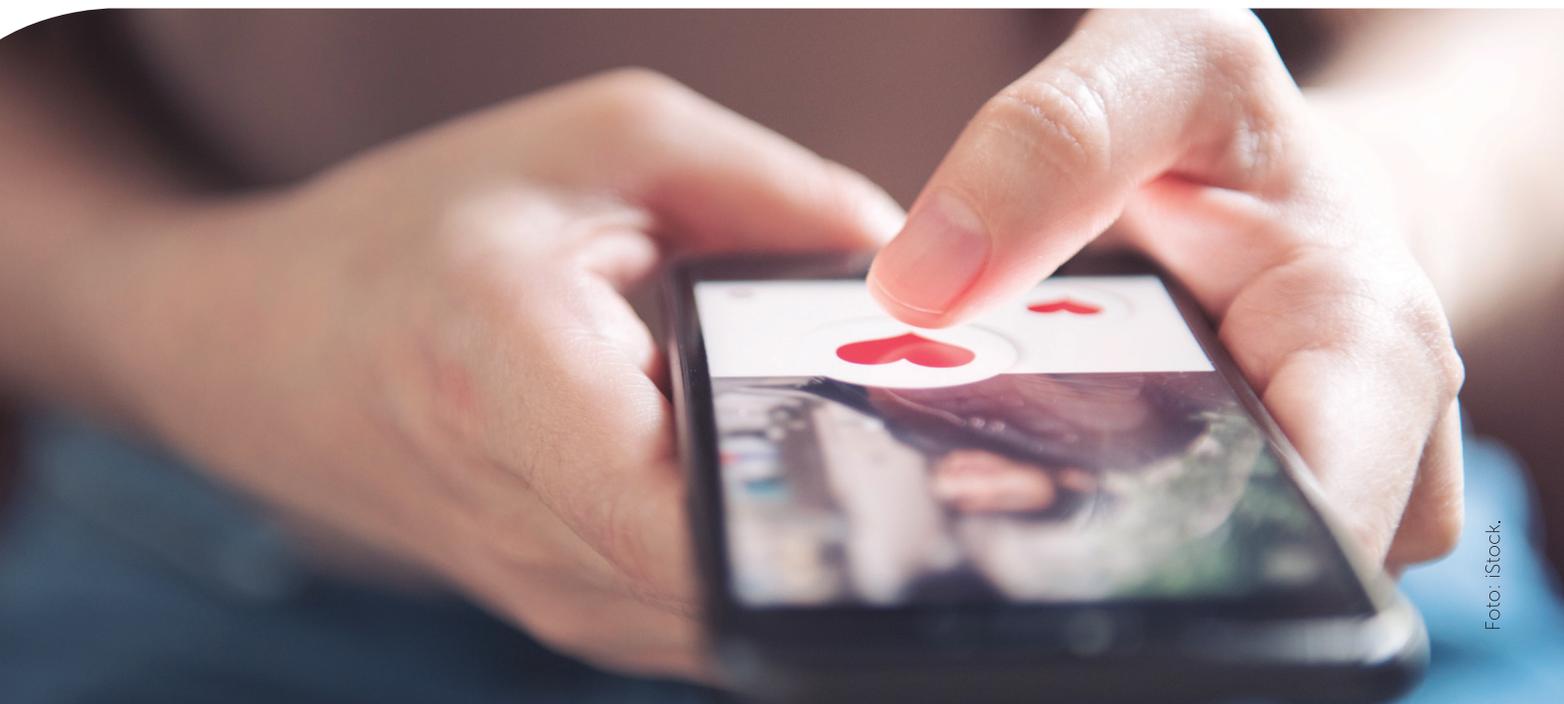


Foto: iStock.